

Accção  
Realis  
ta

revista  
quinzenal

17-18

PREÇO DESTE FASCÍCULO : 2\$000 RÉIS.

Na séde da Acção Realista recebem-se donativos para a Assistencia aos Monarquicos Necessitados.

---

## SUMARIO

<i>Ao Principio era o Verbo</i> .....	por Simeão P. de Mesquita
<i>Antonio Sardinha</i> .....	» Rollão Preto
<i>Antonio Sardinha</i> .....	» Julio de Mello e Mattos
<i>Anibal Soares e Antonio Sardinha</i> .....	» Alfredo Pimenta
<i>Os Mortos Marcham Comnosco</i> .....	» Caetano Beirão
<i>Cavaleiro do Graal</i> .....	» Manuel de Figueiredo
<i>Romagem de Saudade</i> .....	» Fernando Campos
<i>In principio erat Verbum</i> .....	» Laertes de Figueiredo
<i>A Paisagem da Terra e da Gente na Poesia de Antonio Sardinha</i> .....	» Luis Chaves
<i>Um Paladino do Encoberto</i> .....	» Ernesto Gonçalves
<i>Carta aberta aos meus amigos e companheiros</i> .....	» H. de Paiva Couceiro
<i>Acção Realista Portuguesa</i> .....	

## EXPEDIENTE

Estando a ser enviados para o correio os recibos da assignatura da 2.<sup>a</sup> serie, muito nos obsequiam os nossos estimaveis assignantes se os satisfizerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim, despezas da sua devolução.

E no caso de terem sido devolvidos antes de pagos, muito agradecemos nos remetam a importancia para evitar nova despeza de cobrança.

Toda a correspondencia relativa à administração deve ser endereçada ao editor desta revista sr. Antonio Ferreira Junior.

---

Dois pedidos fazemos hoje aos nossos estimados leitores:

**1.º que concorram, na medida das suas posses, para a subscrição do diário da Acção Realista;**

**2.º que cada um consiga, pelo menos, mais um assinante desta revista.**

Numero 4-5 (17-18) Lisboa, 15 de Março de 1925

ano II

# AÇÃO REALISTA

REDACTOR PRINCIPAL : ERNESTO GONÇALVES



(Cliché Fernandes Tomaz)

ANTONIO SARDINHA

# “Ao principio era o Verbo,”

*Que o Verbo nos conduza ao Fim.*

Antonio Sardinha regressando pela fé á *Philosophia perennis* comprazia-se tanto em citar como lema do seu pensamento o versiculo do Evangelista que o tomou para expressivo titulo dum dos seus livros.

E' que essas palavras postulam, como algures elle proprio explicou, a primazia da Inteligencia sobre as outras faculdades animicas.

Repetindo-as queria marcar o seu insistente repudio pelas philosophias da «Acção» tão em voga nos paizes de origem nordica, e de que antes, embora accidental e tangente-mente, sofrera por vezes a sedução.

Elle pronto comprehendeu e com nitidez, que, se essa tendencia a alguns havia ajudado no caminho da conversão, muito maior devia contar-se afinal o numero d'aquelles por ella desviados da Igreja, dada a sua indole perigosissima. Haja em vista o *Moder- nismo*.

Concedendo-se à Vontade liberta dos preceitos da Razão o primado do Espirito — o famoso «ao principio era a Acção» do Fausto -- é-se levado por uma natural pendente logica ao Pluralismo, forma actual e apoetica de paganismo, senão da *Kabala*.

E ninguem em Portugal por certo melhor que Antonio Sardinha exprimiu e viveu na sua obra este angustioso drama do espirito quando, por vezes, a sensibilidade se lhe rebelava contra o pensamento. Recordemos, a proposito, a confidencia da sua bellissima criação o *Filho de Judith*.

Mas, para seu bem e o de todos nós, seus discipulos, vencera afinal o que nelle havia de melhor, venceu o Verbo.

Facto curioso, a Vontade na alma de Antonio Sardinha, longe de se vêr diminuida com a decisiva victoria da Inteligencia, pelo contrario, ao serviço desta se lhe multiplicaram as energias.

A sua obra constitue assim um perduravel exemplo do que pode a tenacidade do esforço ao serviço de uma grande Idéa, que é soberanamente bella porque é a Verdade.

Certo, o segredo da fecundidade e da empolgante irradiação do seu espirito de nacionalista e de christão, paladino egregio da civilização occidental ameaçada, encontra-se tanto na natural superioridade dos seus dotes, como no felicissimo equilibrio que ás suas faculdades soube impor.

A tocante homenagem que nesta hora lhe presta a «Acção Realista» é, a meu ver, uma frisante prova da influencia de Antonio Sardinha sobre quantos, embora por diversas vias, andam empenhados na Grande Cruzada da nova Reconquista.

Revela ainda que o principio essencial, tão altamente afirmado pelo Mestre que choramos, o inscreve tambem a «Acção Realista» como seu lema : Exaltando a obra delle

está pelo exemplo proclamando a supremacia da Idéa, que une, sobre a pratica, que pode acidentalmente dividir.

Por isso quando se disser que entre integralistas (desde que estes o sejam estruturalmente) ha irreductibilidades insolueis que ninguem o acredite. A unidade existe, implicita pelo menos, na identidade do Fim desinteressadamente ambicionado. E se áquelles a quem anima a mesma Fé contra-revolucionaria não é ainda possível, nem talvez util, impor-lhes desde já a disciplina duma só phalange que entre elles se afirme, sem sombras, uma efectiva e leal *fraternidade*.

Confessando sem reservas e acima de tudo a Verdade que professamos, dêmos ao Tempo o que do Tempo é.

Encarando as coisas sob este aspecto e praticando já essa fraternidade é-me grato, em meio duma tão sentida magoa, associar-me, como hospede, nesta Revista, a uma afirmação de saudade por aquelle que melhor do que ninguem soube illuminar as novas gerações de Portugal.

Porto, 10 de Fevereiro.

*Simeão Pinto de Mesquita.*

Foi pela maneira como partia o pão que os caminheiros de Emaúz reconheceram a Christo. Tambem os proletarios reconhecerão a Jesus, quando a sociedade restaure e pratique as doutrinas economicas da Igreja.

(Inédito)

*António Sardinha.*

# ANTONIO SARDINHA

## A LIÇÃO DA SUA MORTE

Razão teem aqueles que proclamam como irremediavel a velhice das pobres palavras humanas cançadas de exprimir as grandes excitações e as grandes dores do nosso coração.

Deante das irreparaveis catastrofes, e a morte é evidentemente a catastrophe definitiva, que nos resta a nós, homens desolados e vencidos, para dizer? Que palavras nos acodem á boca que sejam dignas da profunda derrocada interior?! Ai de nós! os grandes momentos do espirito só encontram a sua verdadeira expressão no silencio. Mesmo até quando a inspiração faz o milagre raro das suas revelações súbitas, mesmo então quão longe fica da verdade gerada em silencio o seu palido reflexo transmitido em palavras... as velhas... as pobres palavras humanas.

E' assim que deante da fulminante, absurda, brutal morte de Antonio Sardinha o nosso coração sobre si mesmo se recolheu, silencioso, como se ele proprio fosse atingido de subito aniquilamento, tão grande foi o sentimento de estupefacção, de desanimo, e de enternecimento, que um desastre desta ordem provocou em nós.

Prezo ainda hoje dessa desoladora atonia espiritual, renuncio a escrever um artigo que seja uma comemoração funebre do illustre e nobre camarada tão prematuramente caído, quando a batalha mal começava e quando mais do que nunca ele nos era necessario... Para que mais lagrimas? E só com lagrimas que eu poderia escrever.

Temos nós tempo, amigos, para chorar ainda que sobre o corpo dum querido e insubstituivel companheiro? Esta geração tem por cima de todas as suas dores de geração expiadora esta infinita desdita: não pode chorar. Como o glorioso guerreiro da lenda tragica as lagrimas secam dentro de nós... sem chegar aos olhos... para que não perturbem a nossa visão sempre atenta aos golpes da refrega temerosa em que anda empenhada a nossa mocidade sacrificada.

A nossa perdição estaria em deixarmos de combater, mesmo (sobretudo) quando ao nosso lado algum companheiro caíu.

O tempo voa e a cerração inimiga cresce. Cada um de nós que tomba torna mais pesada e dificil a missão dos que sobrevivem.

Ai de nós! Ai de nós! Quem toma em seus braços a pezada lança que a morte arrebatou das mãos de Antonio Sardinha?

Sem que a gente queira, sem mesmo que a gente possa, e até talvez sem que a gente deva, quem de nós ha aí todavia que não tenha interrogado o ceu no secreto desejo de desvendar o misterio desta morte absurda.

De nós todos Antonio Sardinha era quem mais trabalhava na escolha dos solidos materiais da reconstrução nacional. De nós todos foi ele quem mais altos e duros obstaculos removeu no seu incessante trabalhar. Ultimamente, então, parecia que adivinhava, a sua ancia de erguer uma obra magestosa e definitiva tomava-lhe todas as horas do seu viver agitado. Por sua mão movia-se uma infinidade prodigiosa de tarefas. Na sua mente cruzavam-se os mais int ressantes e variados planos por onde se marcava, para nós que o conheciamos, a curva extranha da sua vida actual.

E é neste momento em que melhor se patenteia o seu herculeo esforço nesta hora em que a sua figura de lutador incansavel atinge a culminancia duma energia prodigamente gasta, é então que a providencia no-lo leva.

Que maior exemplo poderia mandar Deus à nossa geração de descuidadas gentes para quem em tão pouca conta é tido o capital factor que é a morte? Pois se até para Antonio Sardinha que de nós todos foi quem mais trabalhou como ensaista, como poeta e como historiador, se até para ele o tempo foi escasso, que podemos nós esperar que legitime a ambição da nossa obra do inútil e malbaratado tempo em que vamos arrastando a nossa criminosa indolencia?

Compunge-se-nos o coração de o pensar. Mas como fugir a esta tremenda certeza quando o exemplo de Antonio Sardinha está aí enchendo-nos de espanto e desespero.

Assim é, camaradas, a morte vem reclamar a sua parte na nossa vida que desde-nhára e esquecera. Que quer ela? O melhor canto á nossa lareira, o lugar de honra á nossa mesa, o mais lembrado ponto dos nossos pensamentos.

Seja! Contemos com ela. E pois que o tempo urge, camaradas, ao trabalho e em frente, para que morte nos não leve com a consciencia ferida dos remorsos sem absolvição da nossa apatia criminosa.

*Rollão Preto.*

Lêram já *L'hérédo*, de Léon Daudet? Pois o poeta que souber achar-lhe a equivalencia literaria, terá criado o grande poema da alma contemporanea.

*Antonio Sardinha.*

(Inédito)

## Antonio Sardinha

Antonio Sardinha era estruturalmente um poeta.

Do valor dos seus versos disseram os dois maiores poetas das duas gerações anteriores, Eugenio de Castro e Lopes Vieira.

Como polemista, como historiador, como politico, a imaginação do poeta prepondera.

É sempre a característica poetica, de exaltação e de beleza, que o impelle da republica para a monarchia, da indiferença religiosa á pratica mais severa.

Nas suas idolatrias, ou nas suas repulsas, pelas figuras historicas ou pelos ideaes politicos, ha sempre, a predominar sobre a sua enorme erudição, a sentimentalidade de poeta.

A despeito do valor d'um cerebro intelligente secundado por uma memoria assombrosa, é o coração que manda, é a alma que domina, é o sentimento que orienta. As phases da sua vida, as passadas e as futuras, tiveram ou teriam sempre, a mesma feição — o entusiasmo, a sinceridade, o calor, a revesti-las.

Nos combates que travou, nos ataques que fez, nas defezas que intentou, nota-se sempre o mesmo arrebatamento de atingir um ideal de verdade que engrinaldava em concepções por vezes dispareas, de emoção e belleza ; estas sobrepujando aquellas. É por isso que quando a sua penna fecunda e original, tratava qualquer assumpto, podia não se concordar com as suas theses, mas sempre se impunha a sinceridade arrebatante da sua convicção.

Esse feitio congénito, que nos seus bellos versos tinha a mais alta expressão, creou em torno da sua saliente personalidade sectarismo ardentes e adversarios irreductiveis. Pela distancia das nossas gerações ou não pertencia aos primeiros, pela conformidade do nosso amor a Portugal, ou não podia pertencer aos ultimos ; encontram-se por isso á vontade para visionar com vigor a alta personalidade que tão bella alma illuminava.

E hoje, que uma fatalidade irreparavel roubou á sua Patria um dos seus mais valiosos defensores, não ha decerto nenhum portuguez digno d'este nome, que não sinta confranger-se-lhe o coração ao evocar a alta figura de Antonio Sardinha.

Quinta da Lageosa, 5-II-1925.

*Julio de Mello e Mattos.*



# Annibal Soares e Antonio Sardinha

Tendo escripto, no n.º 15 da *Acção Realista*, o que o meo espirito e o meo coração dictaram a respeito destes dois mallogrados escriptores, bem dispensado me sentiria de collaborar neste numero que a *Acção Realista* portugueza consagra á sua memoria, se...

O *se* que ha sempre em todas as coisas, tambem desta vez não faltou.

E em que consiste o meo *se*, o *se* deste caso?

Em bem pouco, afinal.

Por esse n.º 15 da *Acção Realista*, soube eu do sacrilego procedimento dum senhor senador monarchico, cujo nome é de evidente utilidade em apertos da urethra, o qual se permittio, em pleno solo sagrado do Campo-Santo, e perante a imagem mal arrefecida do pobre Annibal Soares, quaisquer torpezas, que, claro está, enguliria, sem difficuldades, se fosse chamado á legitima responsabilidade dellas, como engulio, deante do publico atonito, os insultos que no Senado, proferio a respeito dum ministro da Republica...

Num paiz de moral normal, e numa Causa que tivesse a consciencia nitida da sua situação e dos seus deveres, o senador em questão já era homem liquidado de vez. Assim, dadas as circumstancias verdadeiras da nossa vida politica e social, o homem continua a ser — «o nosso querido amigo e illustre senador!»

Foi, pois, este querido amigo delles, o illustre senador, para elles, que se permittio, sob os cyprestes do cemiterio, e deante do caixão que encerrava o cadaver tepido de Annibal Soares, as protervias sacrilegas a que o n.º 15 da *Acção Realista* fez tenue referencia. Em vez de ter a alma ajoelhada perante Deos, orando pelo morto, o tal senhor senador, cujo nome é de utilidade manifesta em apertos urethrais, deitava cá para fora o puz esverdeado da sua alma venenoza.

O homem é imbecil. E a opinião que espectorou não lhe pertence certamente: ella reflecte, sem duvida, quaisquer dizeres que ouviu, nas conversas malignas que são de uso, na redacção do *Correio da Manhã*.

Por esse motivo, e porque ella é um magnifico elemento autobiographico, vou publicar a carta que Annibal Soares me escreveo ha dez annos, e com que reatava as relações que dez annos antes, pouco mais ou menos, nós tinhamos mantido — elle e eu.

Ella mette pela bocca abaixo, as protervias do senador monarchico.

Eil-a:

«Lisboa, 26 de Fevereiro de 1915.

Meo caro Alfredo Pimenta

Espero que a Politica não tenha entre nós *cavado aquelle abysmo* de que se fallava antigamente nos romances e nos dramas. Você, pela sua tolerancia, pelo seo acatamento das opiniões alheias, de que tem dado, certamente á custa dalguns dissabores, provas tão

exuberantes, é um caso pouco vulgar na nossa raça, tão serva das paixões ; pela sua conducta politica, é legitimamente objecto do respeito dos seus adversarios. Eu, desde que sahi de Coimbra, estive 2 annos junto do Poder, e estou ha mais de sete na opposição, tendo passado quatro no exilio, para onde me atiraram sem pão, e sem quererem saber, nem eu saber tampouco, se iria pedir esmola ou estostrar de fome no bairro das docas de Londres. Creio durante todo este tempo, e em tão diversas situações, ter dado sufficientes mostras do meo desinteresse politico, para que os adversarios de boa-fé me tributem a consideração que se deve a um homem de principios.

Todo este exordio leva um ar talvez muito solemne para a simplicidade do assumpto de que afinal me quero occupar nesta carta ; mas, meo caro Alfredo Pimenta, a politica e os politicos têm feito na nossa terra uma obra tal de dissociação e de perversão, que quando dois portuguezes se encontram na rua, teem que mostrar folha corrida e fazer um longo exame de consciencia para provarem satisfatoriamente que um delles é digno de pedir lume ao outro ! . . .

E agora entro na materia :

Vou fazer uma nova gazeta da manhã, *O Nacional*, cujo 1.º numero sahirá na 2.ª feira, se não houver contratempo. O meo jornal será, naturalmente, politico e monarchico. Mas eu, que ainda não despedi de todo uma brotoeja litteraria de que V. sabe que padeci em Coimbra, tenho um sonho, — fazer do *Nacional* alguma coisa mais do que uma gazeta politica e mais ou menos noticiaza. Não lhe digo que quero *educar o Povo*, porque este proposito assim tão simplesmente enunciado, implicaria uma ingenuidade de revolucionario, uma virgindade politica que infelizmente ou felizmente já não possuo. Mas penso fazer um jornal que se possa lêr sem tédio, e onde o publico possa aprender alguma coiza. Para isso tenho uma secção que chamarei, até encontrar melhor formula, *litteraria*, e onde, alem da pura litteratura em prosa e verso, quero dar pequenos artigos versando — tanto quanto o permittem a indole e as proporçoens dum jornal, — assumptos de critica d'arte, philosophia da historia, sociologia e economia, e tudo o mais de que pode occupar-se o engenho humano. E' evidente que esta secção será e se manterá por completo alheia á politica militante do jornal. Nella collaboram, a par dos mais conspicuos monarchicos, como o Ramalho, o Eugenio de Castro, o Conde de Sabugoza, D. Albertina Paraizo (que creio é monarchica), Gomes Leal, João Saraiva, Luiz de Magalhães, etc., funcionarios ligados ao regimen, como o Manoel da Silva Gayo, o Tavares de Carvalho, o Lino Netto, individualidades que considero indifferentes em politica, como o Teixeira de Paschoais, republicanos como o Afonso Lopes Vieira e como o Coelho de Carvalho que ainda hoje me prometteo dar-me em breve um artigo ; e até um anarchista á Tolstoi, como o Jayme de Magalhães Lima. Ora V. que é tão capaz de fazer, dentro do meo programma, tão interessantes coisas, não me quererá ajudar nesta tarefa de crear entre nós o *jornal que não ha* ? Trata-se, é certo, duma folha monarchica, e eu não sei até que ponto V. considera os monarchicos em erro.

Mas desde que eu não vou fazer, porque sou incapaz disso, uma folha virulenta e desleal, terá V. duvida em collaborar fora da parte politica, e naquella companhia ?

Pondo o caso em mim, digo-lhe em consciencia que não teria essa hesitação ; mas, porisso mesmo que se trata duma questão de fôro intimo, V. a resolverá pelo melhor. Eu

o que posso dizer-lhe é que encontraria na sua resposta favoravel, uma grande satisfação, porque muito o admiro, e que consideraria o seo concurso como uma grande honra para o meo jornal.

Agora, um ponto de detalhe, do qual quem não é capitalista não pode desinteressar-se. Eu, que vivo exclusivamente da minha penna, não sei pedir a homens de lettras que não são ricos o sacrificio do seo trabalho. Um grande numero dos collaboradores que atraz lhe cito são, naturalmente, remunerados pelos seus artigos — não segundo os seus meritos, é certo, mas dentro das forças da modesta empreza do jornal que vou dirigir. A collaboração litteraria que lhe solicito seria pois, se V. me desse a honra de m'a prestar, nas mesmas condições em que V. poderia dal-a para qualquer outro jornal ou revista.

Desculpe a maçada e muito lhe agradeceria o favor da sua resposta logo que tivesse tempo de me mandar duas linhas. Creia-me com toda a estima e admiração amigo grato

*Annibal Soares.»*

Acceitei, e foi assim que o meo nome appareco, a primeira vez, na imprensa monarchica.

Esta carta honra-me, mas não honra menos quem a subscreve : faz-me justiça, mas revela a nobreza de character de Annibal Soares.

Aposto que o senhor senador monarchico que me provocou a sua publicação, não poderá apresentar convite tão nobilitante e tão bello . . .

Desde essa hora, Annibal Soares e eu ficamos amigos solidos, inabalaveis e intimos. O resto é o veneno insidioso do senhor senador monarchico, e dos seus confrades na má lingua . . .

Já agora, e como homenagem a Antonio Sardinha vou publicar uma das suas mais curiozas cartas que me dirigio, importante esta, em alto grao, para o conhecimento da sua psychologia.

«Meu caro Alfredo Pimenta :

Venho importunal-o com uma pequena maçada. Eu tenho desde Maio no Ministerio do Interior uma papelada qualquer cujo destino ignoro. E' o caso que abrindo-se concurso para o provimento duma vaga de official de secretaria nos Governos Civis de Beja e de Castello Branco, eu concorri a ellas, a ver se conseguia despacho para alguma. Não, que eu queira seguir a carreira burocratica ; mas porque me desejo casar e gostava de definir a minha situação de bacharel encartado, atirei-me á primeira coisa que appareco. Acontece que eu não conheço ninguem, nem o meo orgulho consente que me agarre aos

varios mediocres das minhas relações que se pavonearam em S. Bento. Vejo-o a Você em situação de me recommendar, não hesito em importuná-lo, em nome da solidariedade intellectual, que todos os que em Portugal vivem das ideias se devem uns aos outros. Estou certo que você, nas suas circunstancias e amigo politico do dr. Pais Gomes, alguma coiza me poderá arranjar. De resto, meo caro Pimenta, aspiro a pouco; — não é nada que haja difficuldade em se conceder, e esse mesmo pouco largal-o-hei logo que se abra novo concurso para a Faculdade de Lettras, procurando eu então ganhar pelo meo esforço o que legitimamente me pertence. Sinto-me alguem em Portugal, porque trabalho e dou á cultura do meo espirito todo o tempo de que disponho. Ha entre nós, Alfredo Pimenta, estreitas ligações mentais, — entre nós que tão diversos fomos no passado! E quem sabe se definida esta corrente de pensamento que a ambos empolga, nós não viremos a ser ainda companheiros numa grande lucta? Diz o velho dictado que — «almocreves somos, na estrada nos encontraremos». Torcendo-lhe um pouco a verdadeira significação é o nosso caso. Você, livre dos preconceitos jacobinos da Revolução, encara as soluçoens positivas de politica, como Renan, Le Play, Comte e Taine as encararam.

Reformar para conservar, conservar para adaptar, — é a grande formula. Eu, como você, sonho com o triumpho da Raça, pela ressurreição dos nucleos regionalistas, pelo reaparecimento do nosso velho instincto particularista — segredo e alma de toda a nossa jornada historica. Penso num livro — *A unidade nacional*, que será a minha contribuição, muito pesada e muito sentida, para a grande obra resgatadora. Na primeira occasião que ahi vá — o que espero seja dentro em dias, hei de procural-o, accedendo ao convite que Você, outro dia, me fez, e expôr-lhe-hei os meus pontos de vista.

Reparo com desgosto para mim que a minha tagarelice vai longa. Acabo, renovando-lhe o meo pedido. Vai junto um cartão com o meo nome todo. Tenha paciencia! E' um incommodo a favor de alguem que sabe ser portuguez e que o é com muita consciencia.

Camarada e admirador

*Antonio Sardinha.*»

Monforte-Alemtejo,  
S. C. 12. VII 912.»

Antonio Sardinha está inteiro nesta carta — nesta carta de ha treze annos: o seo orgulho legitimo, a consciencia do seo valor, o seo sonho de fazer uma obra sã.

A gente, nos livros, é o que quer ser; nas cartas, é o que é.

As duas cartas que ahi ficam dizem mais a respeito dos bellos espiritos que nos deixaram, do que todas as palavras que nós outros, que os choramos, poderiamos compôr.

*Alfredo Pimenta.*

## «Os mortos marcham comnosco»

Não é só como um dever a cumprir que eu alinhavo estas apagadas palavras de admiração e saudade, na homenagem que a *Acção Realista* presta à memória de António Sardinha. E' também como um desabafo muito sincero do meu coração e, deixem-me dizer, até da minha inteligência. E como é um preito pessoal que venho depôr sobre a sua campa, devo recordar sobretudo a amizade que me ligou a Antonio Sardinha e as provas que da sua amizade recebi.

Conheci-o no inverno de 916-17, pouco depois do aparecimento do jornal *A Monarquia*. Antonio Sardinha falava-me do Integralismo como um apóstolo pode falar da sua Fé. Convidou-me a colaborar naquele diário, e recebeu-me com imerecidas palavras de aprêço. A sua inteligência exuberante e cultíssima esclareceu-me pontos de doutrina que eu conservava ainda obscuros. A sua crença ilimitada em Deus e nos destinos de Portugal temperou a minha alma inquieta. Antonio Sardinha era bem o guia da nossa geração. Se o seu raciocínio nos atraía, a sua fé arrastava-nos.

Estimulou-me a que publicasse *Uma Campanha Tradicionalista*; eu pedi-lhe algumas palavras de apresentação. O valor desse volume está no estudo com que Antonio Sardinha o enriqueceu, intitulado «O testemunho duma geração». Depois... depois, veio a Monarquia do Norte, o exílio em Espanha e a questão dinástica. O Acôrdo de Paris, que nos devia reunir, afastou-nos. Porém, ultimamente, quando o via passar, nervoso e aprumado, nas ruas de Lisboa, onde só vinha de fugida, quantas vezes me assaltou o desejo de lhe falar, como dantes, de ouvir a sua palavra inflamada traduzir ideias que se lhe atropelavam exuberantes, comunicativas, e que a todos os que o escutavam impeliam para o combate! E' que Antonio Sardinha era, de todos os valores que compunham a Junta Central do Integralismo Lusitano, o que mais temperamento mostrava para chefe. Chefe dessa escola que progride, alastra, domina, e que a morte de Antonio Sardinha veio como que santificar. O seu desaparecimento, em plena vida, com uma obra gigantesca a concluir, parece querer congrassar, em tórno da sua memória, elementos afastados ou dispersos, e desperta-los para lhe continuarem o Pensamento tão profundamente nacionalista e cristão.

Antonio Sardinha — pudesse êle entreve-lo! — parece ter oferecido a sua vida em holocausto ao Idealismo redentor que irradiava do seu espirito; e o sacrificio não será em vão. E' que «os mortos marcham comnosco», no dizer profético do poeta de planície alentejana. E a sua sombra tutelar paira a nosso lado incutindo firmeza na adversidade e a convicção de que a geração que êle ajudou a preparar para a luta ha-de fazer soar a hora do resgate.

Eu, por mim o confesso, recordando, neste momento, entérnecidamente, a personalidade de Antonio Sardinha, os propósitos que lhe escutei, os ensinamentos que d'êle colhi, e, sobretudo, a Esperança viva, a Crença ardente, a vontade e a Fé que iluminavam aquela intelligencia, sinto mais do que nunca, na minha pequenez, o desejo de tra-

balhar, de servir, de lutar pelo triunfo da Ideia íntegra que ha-de libertar Portugal. E repito, devotamente, as palavras que fecham o «Testemunho duma geração» :

*«Apóstolos da Esperança, não é só o Portugal-Maior que nós havemos de restituir à sua grandeza perdida. E' também o Portugal cristão, — o Portugal cuja vocação histórica foi dilatar a Fé e o Império.*

*São calcinados e cheios de rédes infinitas os caminhos que nos conduzem lá. Mas nem por isso o desfalecimento consegue aninhar-se nos no peito. Se os Mortos mandam, os Mortos marcham connosco, ressuscitados na treva inferior do sepulcro pelos nossos votos de libertação.*

*Silêncio! Numa vigília atenta passam os cavaleiros da Grey. E' Portugal que passa com êles para uma outra manhã de Ourique que já se anuncia tão gloriosa como a primeira!»*

*Caetano Beirão*

---

## CAVALEIRO DO GRAAL...

O nosso duelo é com o destino, desde Alcacer! D. Sebastião — Sonho de Grandeza e de Fé — d'um lado, a perdição do outro, frente a frente. Duelo de ontem, de hoje e de amanhã!

Antonio Sardinha morreu no combate, — Cavaleiro do Graal de Ourique, irmão mais novo de Amadís, mais *um*, como tantos outros, vencido pelo Destino, abatido na peleja, morto por Portugal!

Embora! Que a sua alma cristã, cheia de graça, seja junto de Deus uma oração de piedade e de victoria!

Guia e mestre, em vida, pela intelligencia, que êle seja na morte, pela sua Fé, o nosso Apostolo! E escutando o seu Verbo e seguindo o seu exemplo, o Chefe virá e o Destino por nós será vencido: — Clarão de Ourique sobre o areal negro de Alcacer!

*Manoel de Figueiredo.*

# Romagem de saudade

A recordação das scenas que presencéamos por ocasião do funeral do nosso querido amigo — o apóstolo da ideia nacionalista — que foi o Dr. António Sardinha, não poderá, jámais, apagar-se na nossa memória, tão intensas foram as emoções experimentadas nesse dia tristemente memorável de 11 de Janeiro.

\*

Chegamos a Elvas, de madrugada. São nossos companheiros alguns camaradas e amigos dedicados do escritor, que vêm de Lisboa, como nós, na piedosa intensão de o acompanhar á sua última jazida.

A's oito horas da manhã, de uma manhã luminosa, já se dirigem para a *Quinta do Bispo* grupos numerosos de pessoas que ali vão para se incorporar no cortejo ou para contemplar pela última vez o corpo do poeta.

Quando entramos na *Quinta*, a dois quilómetros da cidade, uma enorme multidão rodeia a casa que assenta tranqüila ao fundo de um vinhedo, nessa *Quinta do Bispo*, de tão lindas tradições.

Recordamos, saüdosamente, as doces horas portuguezas que ha três anos ali passámos, no convívio do grande espírito de António Sardinha que tanto queria àquele seu *horto lusitano* tapetado de violetas, àquele *jardinzinho esquecido que Elvas traz ao regaço com um carinho cioso, jardinzinho de buxos agonizantes e marmoreas urnas versalhescas* . . . como ainda há pouco êle o descrevia.

A's oito e meia, junto á câmara mortuária, reza a missa do corpo presente o secretário de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o sr. Arcebispo de Evora.

A multidão engrossa. Estão representações da Câmara Municipal de que António Sardinha era o presidente, várias Associações, com os seus estandartes, numerosa officialidade da guarnição militar. Ha clérigos, gente grada de Elvas, amigos que de longe vieram, estudantes, povo humilde que ali vae levar também o seu preito de saüdade e homenagem.

Pelo leito, em que repousa o corpo de António Sardinha amortalhado no burel franciscano e coberto pela bandeira integralista, começam agora desfilando quantos acorreram á morada do malogrado escritor. Ha lagrimas em todos os olhos. Como António Sardinha era querido, até, de tantos, que pareciam seus adversários !

Chega a nossa vez. Olhamos, ainda, o rosto macilento do nosso amigo que parece dormir serenamente. Mas os seus olhos, tão vivos, tão expressivos, os seus olhos em que, por vezes, brincava uma ternura infantil, não os tornaremos mais a vêr . . . E passamos, que atrás de nós, segue a longa fila de camaradas e amigos que também querem despedir-se do poeta que morreu.

## ACÇÃO REALISTA

Tem que se interromper o desfile que parece interminável. São horas de proceder ao encerramento do corpo.

Chegou S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Arcebispo. Soldou-se o caixão, já foi a urna fechada pelo sr. Dr. Afonso Lopes Vieira.

A multidão afasta-se, para permitir que se coloque a urna no carro que a há-de transportar.

Ouve-se o dobrar a finados nos templos da cidade. Vae deixar a sua *Quinta* aquele que tanto a amava, aquele que tão bem compreendia os seus encantos.

Organiza-se o cortejo — todos os carros que havia foram mobilizados para o entêrro que se põe em marcha, vagarosamente.

Transpomos os portões da quinta, e o largo terreiro que se estende, coberto de fresca relva, quasi em sua frente. Vamos passar sob o *Aqueduto das Amoreiras*, êsse gigante admirável *exausto duma galopada que dura ha centenas de anos*, na frásé do poeta do *Tronco Reverdecido*.

Já vemos, a distancia, lá em cima, o *Forte da Graça*, e mais a distância, ainda, a casaria de Elvas, *Chave do Reyno*, que ao nosso espírito se afigura deixarmos, para trás, abandonada . . .

O percurso de Elvas a Monforte, através da vasta planície alentejana que António Sardinha cantou, enternecidamente, nos seus versos, foi uma verdadeira *romagem de saúdade*.

A' passagem do préstito pelos povoados que se debruçam sôbre êsses trinta quilómetros de estrada, dobram os sinos nos campanários brancos das igrejas ; e a gente do povo, do bom povo do Alentejo que, pela sua obra, António Sardinha tanto engrandeceu, formando alas, descobre-se com respeito, ante o corpo que segue envolto na bandeira integralista — aquela bandeira branca que o sol beija, e em que sangra a Cruz de Cristo.

Passámos Font'Alva e Barbacêna, e, ao longe, sôbre o outeiro que a torna sobranceira á planície, alvejam, agora, os muros e tórres da vila de Monforte com suas igrejas e ciprestes, aguardando, magoada e triste naquele entardecer doirado de inverno, o corpo do filho morto que vai, para sempre, repousar no seu regaço frio.

Desceu gente aos caminhos, para esperar o cortejo ; velhinhos e creanças, lavradores abastados que vêm nos seus carros, pastores e pobres pedintes das estradas. Ha tristeza em todos e em tudo. Choram as almas e as coisas.

Chegamos a Monforte. Todo o povo veio ao encontro do funeral. Ordena-se o préstito.

Vão na frente as irmandades com suas capas negras e insígnias religiosas. Seguem os eclesiásticos com suas vestes, entoando cânticos litúrgicos. Alberto Monsaraz e Afonso Lucas, ao lado da urna, guardam o pendão do Integralismo que a cobre por completo.

Vai a Junta Central do Integralismo Lusitano e o poeta Lopes Vieira que transporta a chave da urna. A banda de Monforte entôa a marcha fúnebre de Chopin, e, fechando o fúnebre cortejo, segue, recolhidamente, a multidão dos amigos e camaradas do escritor, e o povo, o bom povo da terra, que acompanha á sua ultima morada aquêle corpo pequeno e nervoso que abrigou tamanha alma.



Apoia-se ao nosso braço, Manuel Murias, camarada e discipulo dilecto de António Sardinha, cooperador valioso da obra da *Nação Portuguesa*.

Vamos subindo para a igreja. Estão os altares alumiados. E' colocada a urna sobre uma eça negra, que os amigos do poeta e o povo rodeiam.

Feitas as rezas do ritual, encaminha-se o préstito para o campo santo de Monforte, no extremo da vila.

Não queria o povo consentir no entêrro, para que pudesse, ainda, naquela noite, velar o cadaver, na igreja; mas resolve-se, por fim, a transigir, atendendo á necessidade que muita gente tem de se retirar para terras distantes, donde veio propositadamente ao funeral.

Ladeamos uma vasta praça onde põe uma nota fugidia de beleza um velho convento que o utilitarismo dos nossos dias improvisou em repartição pública. Percorrem-se estreitas ruas, para onde abrem janelas e varandas do tempo do senhor rei Dom João V.

A banda continúa a entoar a marcha fúnebre, durante o trágico percurso.

Avistam-se os primeiros ciprestes do cemitério, velhos ciprestes a cuja sombra dormem muitas gerações.

Vem caindo a tarde, lentamente. E' quasi noite.

Sobre o fundo da planície imensa, que se avista agora de um e de outro lado, recortam-se, na sombra, as fisionomias e os vultos. Evocamos as telas e as figuras sombrias do Greco no *entêrro do conde de Orgaz*. Foi António Sardinha que nos iniciou nessa pintura de mistério, nos dias inolvidaveis que passámos a seu lado, em Toledo — *na côrte da Saudade que é Toledo...*

Damos finalmente entrada no cemitério. Para além, no céu, ha, ainda, um vago clarão de fogo.

Procedem os sacerdotes ás encomendações finais.

E' levantada a bandeira de sôbre a urna, e esta benzida.

Fala em breves palavras comovidas o sr. José Alfredo Sardinha, tio do nosso saudoso amigo. A seguir pronuncia o seu discurso o sr. Dr. Hipolito Raposo, irmão de armas do combatente audaz, que a morte arrebatou. A sua oração, em termos sentidos e elevados, comove quantos a escutam: é um adeus enternecido, e uma invocação patriótica.

Já os sacerdotes retiraram. Ingressam no jazigo os restos mortais do grande escritor.

Anoiteceu. Tremem de frio, os corpos e as almas.

Terminou a romagem de saüdade que, em Monforte, revestiu o aspecto de uma perfeita *scena medieval* na frase do sr. Dr. Afonso Lopes Vieira.

Repousa na eternidade o espírito gentilissimo de António Sardinha, alma de apóstolo, de iluminado.

\*

Morreu o Mestre, morreu o amigo, e ao nosso coração ainda repugna acreditá-lo. Mas o seu espírito ficar-nos ha, para sempre, acompanhando. Não deixará de viver, dentro de nós, a lembrança saüdosa daquêle que foi director espiritual de uma geração, que será, ainda, preceptor de gerações futuras.

## ACÇÃO REALISTA

Nas obras que criou, permanecerá intacto o seu pensamento, não logrará, jámais, o tempo desvanecer, nessas páginas, a fé que iluminou a sua inteligência.

E constituíram, verdadeiramente, um milagre de Fé, a vida e a morte de António Sardinha. Milagre de fé religiosa, milagre de fé nacionalista, daquela fé que é chama ardente e viva, daquela fé que, na existência, harmoniza o espírito com a acção, e, na hora extrema, descerra os labios numa prece, gerando a cristã resignação dos mártires.

«Meu Deus, permiti que seja para Vós o último palpitar do meu coração».

Foram estas as suas derradeiras palavras que os amigos piedosamente recolheram. — Assim foi António Sardinha na morte.

Na vida, o lema do grande pensador, contem-se nessas outras palavras que vamos revelar, em seguida a este artigo, a fim de que se lhes possa imprimir o merecido relevo, palavras que êle nos confiára, há um ano, para que as publicassemos num livro nosso, de depoimentos, e que até hoje conservámos inéditas. — E julgamos ser esta a melhor homenagem que, na nossa humildade, poderemos prestar á memória imperecível do Mestre.

*Fernando Campos.*

«Ao Principio era o Verbo, e o Verbo se fez Carne, e habitou entre nós...» Assim, se a Idéa deve anteceder o Facto, também o Pensamento se deve converter em Acção.

*António Sardinha.*

(Inédito)

## «In principio erat verbum»

«Ao principio era o Verbo . . .» escreve Antonio Sardinha no prefacio do seu penultimo livro e acrescenta: *E confessar o Verbo ao principio de todas as coisas é confessar o Espirito dirigindo o Mundo, é confessar a inteligencia encaminhando a acção . . .»*

Na verdade, nestes tempos de desenfreado bolchevismo branco, em que a Alta Finança e a Economia Liberal, defensoras não da Produção nem da Riqueza Nacional, mas do puro materialismo amorfo, pretendem amordaçar o *Verbo* orientador dos homens probos, é que nós, nacionalistas, pesamos bem quanto valem os principios da sã intelligencia como eram aqueles que Antonio Sardinha defendia.

Antonio Sardinha, sendo um *renovador*, naquele seu acrisolado amor pelas verdades da Historia que a sua talentosa investigação revolveia dos escombros onde a Maçonaria as tinha occultado, desempenhava com a sua equilibrada intelligencia uma missão mais nobre e mais alevantada: a de ser profeta na Terra Portuguesa. E, quando digo profeta, quero afirmar a esperança que o seu *Verbo* trazia para os espiritos desvairados da epoca. Eu por mim confesso que Antonio Sardinha exercia com o seu talento uma tão poderosa influencia nas novas gerações redemptoras que eu via nêle, mais que um mestre abalisado, principalmente o verdadeiro propulsor de uma nova moral nacional capaz de nos erguer da estagnação criminosa em que temos vivido, num futuro que seria proximo, se não fora o Senhor chamal-o tão prematuramente ao seu divino seio.

Morto o Dr. Antonio Sardinha e não sendo facil encontrar á superficie da pequena Terra Portuguesa um cerebro tão equilibrado para o genero de actividade a que êle se devotára, eu sinto em mim uma vaga incerteza nos nossos destinos por já não ver o *Verbo* ao principio das coisas, nem o *Espirito* dirigindo este pequeno mundo, nem a intelligencia encaminhando a acção. E, apesar de seu fulgurante espirito ter deixado para a posteridade como que um rastro luminosode centelhas que jamais desaparecerão, eu chego a recear que a profecia admiravel que teve quasi o condão de uma revelação, com que nos fez crentes, se perca no mundo das coisas vãs.

Resta-me uma consolação: a minha fé em Deus, que a todos os destinos preside e que chamando para a sua côrte o príncipe da intelligencia portuguesa, o preclaro *renovador* que foi o dr. Antonio Sardinha, traga á nossa pobre Patria dias melhores para recompensa de tantos anos de infortunio em que só a carne tem devorado o espirito e a materia amordaçado o Verbo.

Que o Divino Mestre se compadeça de nós e que a alma de Antonio Sardinha em paz descance «ad majorem Dei gloriam».

*Laertes de Figueiredo.*

# A Paisagem da Terra e da Gente na poesia de Antonio Sardinha

A vida dos homens passa como a sombra  
JOB, XIV, 10. Psal CXLIII, 4

Dorme o teu somno coração liberto,  
Dorme nas mãos de Deus eternamente.  
ANTHERO DE QUENTAL.

Alma de poeta é alma eleita. Fadou-a Deus com o condão especial de sentir intimamente em si as belezas da Terra. Com essa dourada sensibilidade, ella prolonga-se além de si; a paisagem continúia exteriormente o sonho intenso que lhe vive lá dentro com um sol em brasa. A paisagem interior completa-se na paisagem exterior. Só os artistas perfectos sabem interpretar em rythmos alados e musicaes as vozes e as côres, a alma da Natureza.

Antonio Sardinha teve pela paisagem predilecção especial. Não uma paisagem incolor e muda, mas viva e interprete da gente e da raça, que elle via e sentia nella. Dava-lhe luz, côr, alma bem irmã da sua. Senhor da doutrina nacionalista, de nacionalismo extreme, edificava a grey da Nação à Terra nacional, e o português da tradição longínqua era o habitante por Deus, pela Raça, pelo sangue a par do arado, neste solo de bençãos. Iniciou. Da filosofia politica foi direito à esthetica saída de essas mesmas verdades naturaes, intrinsecas, que formavam a doutrina. Assim como assim, lembre-se que na obra de elle «subsiste alguma coisa desse *indestructível* das obras feitas para lançar a arte na pista d'um ideal inedito, e d'um criterio novo e triumphante», de que fala Fialho (*Os Gatos*, 4<sup>a</sup> ed. V, 83).

A terra, o seu Alemtejo de horizontes amplos e coloridos, no Verão calcinante e canicular, no Inverno amortalhado na geada, no Outono colorido, à hora do pôr-do-sol, — «a morte da Luz», — essa terra de Entre-o-Tejo-e-Guadiana, conquistava-o, aborrecendo-lhe a sensibilidade.

E os horizontes novamente fito.  
D'aqui nasceu a ancia do infinito  
Por cujo dom me fez poeta Deus!

*Quando as nascentes  
despertam...*  
(Lisboa, 1921) pag. 242.

«Nem os olhos nem os ouvidos se fartam jamais de ver e de ouvir». (*Eclesiastes*, I, 8). Assim elle ante a sua Terra. Nunca se fartaram seus olhos de a ver, nem os ouvidos de a ouvir naquella harmonia da criação inteira, que o poeta perscruta. «Ao seu lado faltou aquelle anjo que, no dizer ingenuo de Corot, descia do ceu para lhe pintar as

melhores telas», como à cerca de Silva Porto escrevia Manuel Penteadó (*Serões*, I, 473). Mas Antonio Sardinha, um colorista da paisagem colorida, Millet do verso em ecloga de Bernardes ou Sá de Miranda, tem o que quer que seja da sympathia de Constantine Meunico pela nobreza do trabalho, nelle o trabalho da leira. A Terra sedú-lo. Sente-a no amago do seu ser. Ella prende-o na belleza dos seus atavios e da sua amargura. E' que «*tout m'arrête, me parle, m'écoute, tout m'est un buisson ardent*», palavras de Maurice Barrès, que Antonio Sardinha pôs como legenda a *voí ch'entrate*, no principio da *Epopéia da Planície* (Coimbra 1915).

A paisagem da Terra passa incensada de um symbolismo cristão na patria, na grey e na familia.

O' Terra de Antre Tejo e Guadiana,  
onde ha contrabandistas e malteses...

(*Epopéia*, p. 1)

Paisagens de Antre Tejo-e-Guadiana,  
com vilas brancas a sorrir na cal ..

(*Quando as Nascentes despertam*, 209)

Terra das claras vilas . . . . .

Paisagens religiosas e tristonhas,  
Aonde o rosmaninho faz de incenso.

(*Epopéia*, 1)

Terra de coração em brasa viva,  
queimando no furor canicular !

(*Id.* 2)

O horizonte além atrae o pensamento, leva-o na roda célere da curiosidade. E o poeta pergunta : — «O que estará para além ?» (*Epopéia*, 15). E a si se responde : é o «opio do horizonte» ! E' o «filtro da perdição» !

Á flor dos horizontes paira e erra  
uma saudade liquida a escorrer...

(*Epopéia*, 3)

. . . . . E aceso em sonhos,  
eu me debruço, pobre enfeitado,  
sobre maravilhosos panoramas.

(*Id.* 15)

Scismam os longes.

(*Q. as Nascentes*, 76)

«Galopam aquedutos na campina» (*Q. as Nascentes*, 76) ; «galopam aquedutos pensativos . . . — sinuosos, na planura» (*7 d.* 78). E' paisagem alacre. Mas vem a charneca, monotona, eremitão que resa prostrado no solo raso, do nascer-do-sol ao sol-poente ; e ella absorvia o poeta.

Se à alma da Charneca me assemelho,  
no coração eu tenho a voz do Mar ..

(*Q. as Nascentes*, 71)

E as «oliveirinhas, mansas, de expressão beata, — . . . subindo, mansas as colinas»

As oliveiras são da cor da prata  
na tarde lenta, quando o sol declina.

(Id. 14)

O mato, a azinheira heraldica, «a arvore da Raça», estende a mancha negra e triste na terra.

O mato é grande. . . E' grande, vago e rude.  
Lembra uma cathedral com muitas naves.

O' azinheira . . .  
Assim suspensa, na tardinha bassa,  
sobre o escampado côro!

Parada sentinela que não dorme . . .

O' azinheiras doces e simples.  
dobradas na paisagem moribunda.

(Id. 51-58)

Vem o Verão alentejano, caniculas no ar, cinzas no horizonte, são a queimar o sangue e as seivas. A estiagem sufocante «anda a explicar as criações de Dante».

O dia de fogo, — o dia, ardendo, súa,  
-- súa um suor que abrasa o mundo inteiro.

(Id. 113)

A Alma da Planicie estorce-se, blasfema,  
põe-nos em flama os olhos

(Epopéia, 231)

Sobre as paisagens murchas e tristonhas  
o Ceu desfaz se num cruzeiro ardente.

(Id. 230)

O *suão* maldito continúa  
ladrando, sem parar.

(Id. 231)

Chega o Outono doce, com as folhas vermelhas nas vinhas, neblina tenue pela manhã rociada, crepusculos de balada em que as coisas são mais leves e os horizontes mais deliquescentes. A terra lavrada negreja. E' Outubro que vem numa alegoria de Puvis de Chavannes.

. . . Solene e frio,  
Outubro vem com ar pontifical.  
Vem assistir aos funeraes do Estio,  
de mitra de oiro e grande pluvial.

(Q. as Nascentes, 203)

Vestem-se os horizontes de neblina.

Outubro, meu crepusculo sem termo,  
Outubro, — oh que crepusculo sem sexo! —

. . . E das charnecas. . .

sóbe uma sombra débil de cantiga,

E os longes choram. São as Aguas-Novas!

(Epopéia, 251-253)

As folhas, entre secas e vermelhas,  
despedem-se de nós num torvelinho.

Porque é que tu, Outubro, te assemelhas  
aos tísicos morrendo de mansinho ? !

(*Q. as Nascentes*, 119)

Sobe da stepe, quando a relha a corta,  
não sei que incerta voz, que enlevo esparso.

(*Epopéia*, 178)

«O Inverno já lá vem devagarinho!» (*Q. as Nascentes*, 118). O Outono chama-o. E' o crepusculo do anno. Os artistas, que a Natureza rhytmiza e molda, tem no Outono e no Pôr-do-Sol temas preferidos. Atrahem-os a poesia da luz doce e das côres mortas. Ha um parentesco intimo entre as duas almas, a do Poeta e a da Natureza, aferidas por Deus.

E' «a grande pastoral da tarde», quando se veste «duma côr de mau agoiro».  
(*Epopéia*, 165)

Morte de Luz. Na forja do Poente  
um lume em agonia ainda arde.

(*Epopéia*, 77)

Laðainha  
das coisas que soluçam brandamente.

(*Id.* 165)

Sobre o Ocidente, ardendo em tons de morte,  
o santo sacrificio está-se a consumir.

(*Id.* 166)

Como a cabeça de João-Baptista,  
o sol descai num grande disco de oiro.

(*Id.* 165)

Paixão do anoitecer . . .

Aos upas, aos arrancos,  
cresce a coral, ascende. Ascende em maré-cheia.

(*Id.* 167)

Morreu a Luz. Na forja do Poente  
O lume agonizante já não arde.

(*Id.* 97)

A mesma hora. — á hora da tardinha,  
tocaram as *Trindades* na capela.

(*Q. as Nascentes*, 241)

Caiu das torres a oração da tarde.  
A tarde lhe responde brandamente.

(*Id.* 217)

Inverno venta, regela. As geadas queimão os verdes. A Natureza, a Bella-adormecida no bosque, treme de frio ao vento que passa, e no lençol do luar de Janeiro.

Os campos amortalham-se em geada.

(*Epopéia*, 72)

A noite é fria. A lua é fria. A aragem corta.

(*Id.* id.)

O' solidões do inverno,  
enchei-vos de fantasmas de desgraça.

(*Id.* 76)

E a chuva bate nas telhas,  
— canção dos velhos telhados . . .

(*Q. as Nascentes*, 175)

O vento assopra, redemoinha em turbilhão, varre os campos, assobia nos telhados' abala casas e arranca o arvoredado nú.

Anda a estudar Shakspeare,  
vai fazer vida de actor.

Rouqueja falas tremendas,  
que nem el-rey Galaor.

(*Epopéia*, 49)

E não se fica a poesia de Antonio Sardinha na paisagem da sua terra,

Terra de meus Avós, dos bons Maiores,  
aonde a minha Arvore descansa!

(*Epopéia*, 3)

O' Terra que me foste berço amigo,  
O' Terra que serás a minha cova!

(*Id.* 4)

Estende-se à paisagem da gente portuguesa, e à casa da família. E' paisagem da Terra, da Gente e da Casa. — Da *Gente*: com as *canções* de outras eras; e o *Maio-moço* «vestido de giestas o diab'alma»; a *noite de S. João* em que «amostam-se na fonte as moiras-encantadas»; o *Lume-novo*, — «Lume de Christo desce sobre o Povo!»; os *Reys Magos*, que «juntaram-se em romaria»; as *Janeiras* cantadas pelos «ganhões de porta em porta». — Da *Casa*: louvor à esposa, no symbolo da roca, «sinal da realeza — que toda a esposa exerce sobre o lar»; elogio do casamento, «demos um nó cerrado, um nó meeiro»; «ficaram as bonecas no larario»; oração à luz: «ó Padre-Nosso, com pão de cada dia — dae-nos a luz de cada noute — amen Jesus!»; invocação a N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Ó, protectora da Maternidade:

Louvado seja, amen, louvado seja,  
Quem faz da nossa casa uma capela!

(*Epopéia*, 19)

E no filho que nasce, vê o Presepio que Deus armou: «tenho o presepio em nossa casa armado», em «uma casinha caiada»... que «tem sempre uns modos de igreja».

Esta paisagem do seu Entre Tejo-e-Guadiana, deante das oliveirinhas «beatas», da azinheira a «arvore da Raça», das villas brancas de torres com ninhos de cegonhas, — Villa-Viçosa, «solar da dynastia», Elvas, «altar da raça»: deante de essa charneca amortecida e de mãos-postas, quando «morria a tarde em longe côr de rosa»; deante da casa portuguesa, que só «de vê la dá virtude á gente»; ahí passou o Poeta, paisagista ainda na morte, em um pôr-de-sol de Janeiro leve e frio. Caminhava para a cova do cemiterio de Monforte, «leal e honrada villa onde nasci», cantou elle, «ó Terra que serás a minha cova!»

E Deus levou-o para Si. A terra alentejana ficou sem o seu poeta-pintor. Ella que o protegia maternalmente, reverente e grata, no sono final, que elle lhe dorme no seio fecundo e eterno, onde parece bradar ainda: *eu não serei um nome sem sentido!*

Lisboa, 17-Jan.º-1925



# Um Paladino do Encoberto

Do meio daqueles que combatem por um Portugal nacionalista, liberto de ideologias anti-nacionais e anti-humanas, restaurado nos alicerces puros do seu genio e da sua tradição, desapareceu um companheiro que, pelo espirito e pela indole combativa, era ao mesmo tempo cavaleiro e apóstolo. Antonio Sardinha morreu no momento em que a sua intelligencia alcançara uma bela plenitude e se afirmava como um dos guias do movimento nacionalista. A morte vem como um ladrão, — diz a Biblia na sua linguagem candente e forte. A morte veio roubar-nos uma alma intrépida, um espirito lusíada, acêso na alta esperança do Encoberto, uma vontade intransigente, determinada, que só desejava seguir o caminho direito e firme, — o caminho que nos levava ao Resgate e á reconquista da terra invadida por uma nova mourama. A morte, porém, está coroadada de clarões místicos. Deante do seu enigma, as nossas rebeldias, os nossos desesperos devem emudecer, para que a resignação abra suas grandes ásas agasalhadoras. Os antigos cristãos recebiam-na com um júbilo transfigurado, acolhendo-a como a libertadora, o Anjo que guiava, atravez de estradas místicas, até a porta do Céu. A morte dum homem que soube ser um homem, nada sacrificando ao culto materialista da «besta», tem uma profundidade religiosa, que nos obriga a curvar a cabeça com um augusto respeito. Lamentamos sem revolta que do combate pela restauração de Portugal tivesse desaparecido um companheiro admirado. As armas com que o cavaleiro combatia estão agora viúvas e abandonadas. A morte no destino dos homens superiores, que se devotaram a uma ideia superior, faz concentrar num fóco de claridades, toda a verdade e toda a beleza desse destino. Só depois de ter atravessado o limiar do Outro-Mundo, Antonio Sardinha avulta em toda a sua estatura, despido do que nêle pudesse haver de transitoriamente humano e frágil. Agora que a morte purificou as linhas da sua forte personalidade, podemos vê-lo em toda a sua tortura, em toda a sua inquietação e sêde de verdade. Adivinha-se facilmente o conflito da sua primeira época de pensador e poeta, — quando ainda a imagem barbara da Republica o encantava. . . Mas, como Antonio Sardinha, a geração a que êle pertencia, compreendeu a mentira das doutrinas democraticas, que negavam a Pátria, como realidade superior, contínua, vivendo acima da multidão individualista, dispersa e sem finalidade. A Republica marcou a fase critica da democracia no nosso país. Os primeiros ânos que se seguiram ao tumulto vermelho das barricadas da Rotunda, foram ânos de febre e inquietação em que, por entre as ruinas da democracia, a ideia da Pátria se alevantava em toda a sua sagrada beleza. Esfacelavam-se os idolos n'um crepusculo taciturno. . . As doutrinas da Revolução, sem essencia positiva, inconsistentes e nacionícidas, empalideciam e apagavam-se numa lenta agonia. Num meio intelectual como o nosso, e há poucos anos muito mais do que hoje, envenenado de preconceitos e de miasmas de ideias, esse trabalho reconstrutor dos iniciadores do integralismo português tem qualquer cousa de heroico. Negar doutrinas que a mentalidade mole e sem independencia da mór-parte acreditava serem definitivas, dogmáticas, afirmar a ideia verdadeira

de Pátria, obscurecida pelas flutuações do número e da chamada opinião pública, traída por todos os erros da democracia, é um acto de heroísmo e de nobreza intelectual.

Quase cem anos de liberalismo tinham aniquilado a nação, destruído as verdades fundamentais da nossa Pátria, abrindo assim as portas a todas as ideias disolventes. Havia a atitude do revolucionário. . . Falava-se, com pompa e certeza, em Liberdade, democracia, pensamento emancipado, evolução. . . «Para traz não se anda. . . » era a frase de varios Acácios, que defendiam a Carta Constitucional ou a sua filha, a constituição da Republica. . . E todos esses Acácios, sem compreenderem a verdade da Tradição, corrente de sangue que vitaliza a nação, reuniam-se, monarquicos e republicanos, deante do altar barbaro do evolucionismo. Foi num ambiente destes que Antonio Sardinha, com um fervor de iniciado, combateu e demonstrou a falsidade das ideias que envenenavam Portugal. E o seu proselitismo ardente continuou, mantendo sempre a mesma atitude de intransigencia. Olhando em volta de nós, escutando as vozes desvairadas que veem da nossa terra, desavinda dos seus caminhos naturais, quanta fé não foi necessaria para que Antonio Sardinha tivesse elevado sempre a sua esperança lusitanista como luz de resgate! A sua vida e a sua morte ensinam-nos a amar a verdade e a descobri-la atravez dos mais sinuosos e dificeis caminhos! Esses caminhos que conduzem à verdade, Antonio Sardinha ajudou a desbravá-los, ensinando a todos nós a tenacidade no combate e na esperança. Não foi inútil a sua fé, defendendo as claras verdades que hão de restaurar a nossa terra. As ideias, a que Antonio Sardinha emprestou a fegosidade da sua alma, conseguiram infiltrar-se no ambiente intelectual e conquistar inteligencias e boas vontades. A semente caiu na terra e frutificou. Não era terreno estéril a alma sagrada de Portugal! Portugueses novos, vindos de toda a parte, ouviram a palavra nova, escutáram-na com uma concentrada atenção. Vindos do fundo das provincias, chegados ás Universidades, a sua inteligencia estava livre de preconceitos, pronta a estudar e a receber as ideias novas, e sua alma, que um clarão de fé iluminava, tinha sêde de altura e de beleza. A gente decrépita da Carta não os podia atrair porque a sua mentalidade era fóssil e embalsamada numa sciencia arcaica. A arraia meuda da Republica, gozando a herança do liberalismo, só podia provocar repugnancia. . . Respirava-se já um ambiente novo de ideal e de pensamento e era com gargalhadas que a geração, que seguira, nas Universidades, à de Antonio Sardinha, falava na democracia. Pelo contrário um novo pensamento se levantava, ideias novas, sãs e fortes, oxigenavam a atmosfera e um fulgor de fé punha nas almas um signo de predestinação. A essa geração pertencemos nós e foi à luz das ideias nacionalistas que o fundo lusíada do nosso espirito, onde marulhavam as vozes ancestrais dos povoadores da Ilha, se desenvolveu e se libertou, aceitando a alta disciplina da ideia da Pátria. A' mesma geração pertencem tantos outros que vemos hoje a nosso lado, fieis á fé jurada, reunidos num magnifico espirito de cavalaria. E a conquista das ideias continúa.

As ideias, como a fé, movem montanhas. A' onda avassaladora que se desencadeou sobre a nossa civilização e agora se eleva em tragicas crispações de tempestade, nós opomos o nosso espiritualismo e o nosso pensamento nacionalista. As novas gerações encontram-se tão distantes das velhas gerações liberais e livre-pensadoras, como a ordem que preparamos se afasta do materialismo democratico contemporaneo. Em linguagem retorica, diziam os revolucionarios desgrenhados: A marcha do nosso ideal é

fulminante ! Repetiremos o mesmo, combatendo as ideis desses homens, que hoje desaparecem como sombras... E' uma profunda epoca de renovação intelectual, esta que atravessamos. Colocada no despenhadeiro, a civilização defende-se — e esse instinto de defesa depura as verdades humanas, limpa as névoas que as encobriam. Diz Maritain : *«En tout cas une chose est claire à nos yeux: C'est que nous ne luttons pas pour la défense et le maintien de «l'ordre» social e politique actuel. Nous luttons pour sauvegarder les elements de justice et de vérité, les restes du patrimoine humain, les reserves divines que subsistent sur la terre, et pour préparer et realiser l'ordre nouveau qui doit remplacer le present désordre»*. Estas palavras do illustre renovador do tomismo, definindo a atitude dos que combatem pela ordem nacionalista e cristã, projectam uma grande claridade sobre a vida e a obra de Antonio Sardinha. Perante a sociedade burguezia e democratica — a sociedade dos financeiros e dos bolchevistas — a sua fé de cristão e de português protestava a sua revolta. A' epoca presente nada ligava Antonio Sardinha e o mesmo divorcio se observa com todos aqueles que defendem as ideias por que trabalhou toda a sua vida. Sociedade materialista, onde Deus não é obedecido e a palavra Patria uma ficção, — ela para aí agonisa num demoniaco carnaval de *sabbat*... Foi no meio desta sociedade sem beleza, construida sobre a máquina e o dinheiro, que Antonio Sardinha trabalhou e sonhou. O seu trabalho é agora a nossa herança e a sua inteligencia ainda continua a guiar-nos como facho de serenas claridades. O seu sonho de português e de cristão, que esperava e preparava a epoca futura — o advento da cidade portuguesa e cristã, — é o mesmo ideal que nos acalenta e, em esperança e beleza, redime os nossos destinos da miséria da idade actual. Sob o signo do Encoberto, Antonio Sardinha pode sentir a eternidade da Patria, em comunhão com os Mortos, fortalecido pelas vozes ancestrais que vinham do fundo das éras como um côro de verdades e de certezas : e a esperança imortal, que ascende do génio da Raça, desvendando os horisontes futuros, reduzia a miséria dos dias que passam a uma sombra vaga e leve... Portugal, hoje, parece ter uma existencia convencional, uma existencia simplesmente histórica. Mas o passado não é um campo de mortos porque elle está cheio de certezas e de exortações. A alma eterna de Portugal, superior às vicissitudes do tempo, abrange o passado, o presente e o futuro numa espiritual continuidade. Se o presente parece desmentir a originalidade da Raça, não nos deixemos vencer pelas apparencias, que muitas vezes enganam. Vamos ao sub-solo da nação procurar a sua alma oculta...

O passado, em que Portugal viveu em toda a plenitude do seu genio criador, recolheu o côro das vozes antigas que falavam da pureza da nossa Raça. Era esse passado que Antonio Sardinha pensava restituir, em toda a sua verdade, trabalhando numa Historia de Portugal, perfeitamente portuguesa, sem preconceitos liberais e maçonicos. O seu labor de apostolo do nacionalismo alargava-se e, depois de ter combatido as mentiras do nosso tempo, completava-se, ressusitando o passado da camada de falsificações que o desfiguram. Mas a morte não consentiu que Antonio Sardinha fechasse a cúpula da sua obra ardente e reconstrutiva. Desapareceu das nossas fileiras antes do tempo. Apesar dessa fatalidade, a campanha nacionalista continúa, com a mesma esperança e a mesma veemencia. As grandes obras humanas precisam ser iluminadas pela morte. A verdade só resplandece depois dos holocaustos. Por isso a morte de Antonio Sardinha, o mais

vibrante dos iniciadores do nacionalismo, não amorteceu a nossa coragem, não abateu a nossa fé. A luta prossegue, aspera e de sacrificio. . . A epoca miseravel que passa tem que ser intemeratamente combatida, em todo o seu materialismo e na sua vileza de dissolução. No ambiente que respiramos passam às vezes rajadas de loucura, as vesânicas das cidades malditas. . . Mas a esperança eterna, que vem das origens da nacionalidade, liberta-nos de qualquer desânimo.

São Paulo, na Epístola aos Hebreus, afirma que «a fé é o fundamento das cousas que se devem esperar.» As palavras do Apostolo, nós as repetimos no momento em que a morte levando Antonio Sardinha, enlutou todos os que defendem, na nebulosa hora de expiação, a nossa terra captiva. Da sua vida ficou-nos o exemplo dum nobilissimo talento dedicado ao serviço do Espirito e da Patria. Depois dum destino tão cheio de beleza, agitado dos mais formosos combates, sua alma liberta teria certamente a acolhê-la, no cais do temeroso mar, como no Auto de Gil Vicente, aquele Anjo de ásas de mistica claridade, que esperava os cavaleiros portuguezes, mortos nas partes de Africa, a pelejar por Cristo e pela terra lusitana.

*Ernesto Gonçalves.*

Disse não sei quem que na crise ou na ausencia do Estado é sempre pelo Municipio que o poder publico se restaura.

Assim aconteceu entre nós em 1384,—no advento da Casa de Avís, como aconteceria mais tarde, já no seculo XIX, em seguida á invasão de Junot. Voltemo-nos, pois, para o Municipio e, fortificando-o com amor, mais uma vez veremos cumprir essa admiravel lei da historia!

*Antonio Sardinha.*

(Inédito)

# CARTA ABERTA AOS MEUS AMIGOS E COMPANHEIROS

V

## ASPECTOS DE JUSTIÇA E DEFEZA — CONCLUSÕES

Referimo-nos atraz á constituição do Estado, e ao systema d'organisação, e de Representação Nacional, assim como ás orientações superiores relativas á Religião, Ensino, Economia, Finanças e Dominios Ultramarinos, — procurando definir pelas suas feições principaes, — politica, social e economica, — o «Estado-Nação», conforme o entendêmos, á luz das tradições historicas, actualisadas.

Por virtude e efeito da sua propria essencia, essas conformações e principios geraes, que tentámos pôr em fóco, condicionam e inspiram todos os demais aspectos da existencia publica, e caracterisam, mais ou menos, e determinam todas as manifestações e modalidades do funcionamento nacional.

Apenas accrescentaremos, portanto, breves palavras acerca d'algumas outras responsabilidades, ou atribuições importantes, do Estado, como sejam a Justiça com o Regimen penal, e a Defeza do Reino pelas armas e diplomacia.

•

O regimen parlamentarista é, causa natural de nocivas compenetrações entre a politica e a justiça, em resultado das quaes a balança da equidade sofre, sobre os seus prantos, o pezo d'influencias perfeitamente incompativeis com a inflexibilidade symbolisada pela classica figura dos olhos vendados.

Sem ofensa á Magistratura judicial em giobo, e antes com a homenagem devida a tão numerosos juizes que sabem manter impoluta a sua integridade, mais meritoria ainda dentro da atmosphaera perturbadora com que a baixa politica os rodeia, — é certo todavia, que factos tristes, e por demais abundantes, corroboram a asserção acima feita, conforme o demonstra, por exemplo, acerca do nosso Paiz, a Circular do Conselho Superior da Magistratura Judicial, expedida ás Relações do Continente em Junho de 1921 ; — e, quanto a Hespanha e França, o livro recente do ex-Presidente do Conselho Conde de Romanones, onde se diz debaixo do veo d'explicaveis reticencias, aquillo mesmo que 2 annos antes dissera com mais franqueza o proprio ministro de Gracia y Justicia, no seu discurso, por ocasião da abertura dos Tribunaes.

Testemunhos authenticos e insuspeitos declarando unanimemente a subordinação da justiça ás hegemonias politicantes, nos Países parlamentaristas.

E, comtudo, nas Constituições d'esses Países, a autonomia do Poder Judicial está solemmente consignada.

Simple ludibrio que é sempre a physionomia que aparece quando o imperativo das realidades faz cahir a mascara do convencionalismo retorico, com que os Estados chamados liberaes regem povos que se dizem soberanos.

E comtudo d'um braço justiceiro, sem peias nem claudicações, depende a dignidade e a segurança de Governos e Sociedades.

Conscio d'esta verdade elementar, o Nacionalismo considera, como um dos objectivos do seu esforço, a boa administração da Justiça.

As poucas palavras, que a este respeito dirêmos, acaso se parecem com aquellas que em qualquer Constituição liberalista se encontram inscriptas. A diferença está em que o Nacionalismo, — regimen representativo orgânico, — pôde traduzil-as em factos, emquanto que o liberalismo, — regimen de partidos e de compromissos electoraes, — não pode devidamente fazel-o, conforme se atesta pelo corpo de delicto historico.

O exercicio da função judicial deve por-se ao abrigo de coacções e interferencias dos detentores do Poder politico. Isto é essencial e evidente, visto que só assim existirão garantias publicas contra extralimitações, usurpações e abusos eventuaes, por parte d'esses mesmos detentores. Nenhum Povo verdadeiramente culto e civilizado pôde mesmo entender as cousas, nem acceita' s d'outra forma.

Mas quem quer os fins, . m d'empregar-lhe os meios. Essa independencia necessaria tem de facultar entregando á Magistratura judicial a regencia de si propria, e a selecção e promoção dos membros do seu quadro, nos termos da lei orgânica do Estado. Debaixo das regras disciplinares d'este estatuto fundamental, o juiz é inamovivel e inviolavel. A sua função, como a do soldado, será exercida com caracter de sacerdocio publico. Para que assim possa realizar-se, o Estado assegura aos Juizes, não apenas defeza contra os arbitrios da politica, mas tambem defeza contra as dificuldades e dependencias da vida, — economicas e sociaes, — attribuindo aos mesmos Juizes proeminencia entre os funcionarios publicos, e remuneração bastante para sustento desafogado da sua especial posição.

Dentro d'estas condições geraes, baverá cabimento para legislar uma Instituição Judicial capaz, pela eficacia das suas normas, e pela sugestão dos seus estimulos, de formar um corpo de Juizes ilustrados, incorruptiveis, e dedicados ao cumprimento austero do seu importantissimo papel no Estado.

Se, por outro lado, for instaurada a Ordem dos Advogados, com um regulamento orgânico em termos proprios para sugerir e manter, no espirito de cada um dos seus membros, o sentimento responsavel da honra corporativa, e a consciencia da sua nobre missão social ; e se finalmente completarmos o systema com a promulgação de leis de «Processo», racionaes e expeditas, de modo a que se evitem quanto possivel delongas e chicanas — poderemos dizer que temos realizados os elementos fundamentaes d'uma boa organização de Justiça.

N'um periodo renovador como aquelle cujo advento é aspiração do Nacionalismo, — ao lado da Justiça, — merecem solitudes atentas, o Regimen Penal, a prevenção e correção da vadiagem, e, em geral, a legislação de costumes. Em nenhum aspecto tem van-

tagem o «laissez faire, laissez passer» do liberalismo, que não serve para construcções, antes pelo contrario. Se queremos levantar o País, temos que ir com a Administração Publica até ao fundo das cousas . . .

O que se passa, por exemplo, ou tem passado, dentro da cadeia do Limoeiro, ou no presidio aberto d'Angola, — dá uma ideia de quanto, em certas realidades de facto, o Estado Portuguez desconsidera a menos exigente orthodoxia da boa doutrina penitenciaria.

Não está infelizmente ao alcance da nossa bolsa a applicação integral d'essa orthodoxia, conforme certos Países a executam, estabelecendo em instalações adequadas e diversas, — grandiosas algumas d'ellas, as suas cadeias para reclusão d'accusados, — e as suas instituições *educadoras* para menores até 20 annos, — *reformadoras* para vadios e condemnados adultos susceptiveis de reabilitação, — e *repressivas* para condemnados adultos de pênna grave, incorrigiveis, ou reincidentes.

Mas o facto de não podermos atingir o optimo, não deve impedir-nos de procurar o bom, applicando os principios e os methodos efficientes até onde cheguem os recursos officiaes, e apelando ao mesmo tempo para auxilios e patronatos particulares, e para Congregações destinadas á educação por meio d'escolas d'Artes e Officios.

Esses principios e methodos efficientes, não precisamos investigal-os. São conhecidos, e, encontram-se, por exemplo, nas actas dos Congressos Penitenciarios Internacionaes de Paris (1895), e de Washington (1910). Só se trata de pol-os em pratica conforme nos seja possivel.

O principio superior dominante em toda a linha, é o trabalho, considerado como agente maximo e insubstituivel da regeneração individual. Acompanho-o com iniciações moraes, e portanto religiões. Trabalho que ha conveniencia em que se remunere, embora restrictamente, e que se realiza, ou nas oficinas dos estabelecimentos penaes, ou ao ar livre, no arroteamento de terras, construcção d'estradas ou caminhos de ferro, abertura de canaes, construcção de barragens, exploração de matas, lavra de minas, ou em analogos serviços d'utilidade publica e desenvolvimento da producção.

Para este efeito, — alem d'instalações fixas de trabalho agricola, ou industrial, para menores até 20 annos, das quaes já temos em Portugal alguns exemplares, — serão organizados, — ao abrigo do art. 256.º do Codice Penal portuguez, e d'acordo com as conclusões do Congresso Penitenciario de Washington (1910), — «troços moveis de trabalho», enquadrados devidamente e sujeitos a regulamentos de serviço, disciplina e alojamento no campo, regulamentos cuja elaboração não oferece difficuldades, tanto mais que o systema tem sido practicado nos Paizes mais avançados (como Inglaterra e Estados Unidos).

Alem do beneficio moral, tudo quanto a Administração Publica gaste no sentido exposto, promovendo directamente a diminuição da criminalidade, envolve, ao mesmo tempo, augmento de garantias da segurança publica, e augmento d'actividade economicas. Quer dizer, mesmo no ponto de vista material, são despezas com direito á classificação de productivas.

A respeito do problema geral da sanidade nos costumes publicos, — não ha duvida nenhuma de que é pela educação, pela familia, pela religião e pela escola, que ella se póde

conseguir com segurança, e não pela acção das leis e da policia. Leis e policia representam, no entanto, uma sancção indispensavel, mórmente quando o alastramento das corrupções começa — como succede em algumas capitaes sem excepção da nossa, — a revelar certos symptomas, ou perigos, de gangrena publica.

Difundir podridões moraes por livros ou periodicos, cines, ou theatros, ou exercer commercios de natureza analoga, será, liberalmente falando, cousa que, em certo grau, tem de tolerar-se para que se salve a integridade dos direitos do homem. Mas o Nacionalismo prefere salvar a Nação, em alguns d'esse intitulados principios tivessem acaso que tombar na refrega.

Porque, no fim de contas, trata-se não apenas d'aceio moral, mas de proteger e defender os vigores da raça contra causas de quebrantamento, decadencia e degeneração, capazes, á fé da Historia, de conduzir á dissolução, e á queda ultima, mesmo Imperios poderosos.

Pelas vias, legislativa, judicial e admistrativa, deve pois o Estado atacar esta importantissima questão, reforçando os Codigos existentes, se elles não bastarem, como aliás tem feito Paizes da mais alta cotação civilisada. E interpretando praticamente, com medidas energicas e radicaes, o recente Convenio internacional elaborado pela Sociedade das Nações, e outros convenios anteriores, para a repressão e impedimento de todas as circulações e traficis atentatorios da boa hygiene social. O mesmo Estado apoiará demais decididamente com os meios da sua auctoridade, — as reacções particulares no mesmo sentido, como foi o movimento iniciado pelos Estudantes das Escolas Superiores de Lisboa em Março de 1923.

\*

A defeza armada do Reino é encargo directo das Instituições militares, — terrestres, maritimas e aereas, — cuja reforma em termos d'eficacia faz parte integrante do plano Nacionalista. Tanto mais que, — devendo a Educação geral classificar-se como base necessaria do renascimento do País, — são preciosos os auxilios com que as mesmas Instituições pódem contribuir para tal obra.

Nomeadamente sob o aspecto de restaurar nos espiritos, e nos costumes publicos, — um tanto contagiados pelo virus d'uma politica corrupta, — o sentido nacional, e a Supremacia do Bem Patrio, sentimentos estes de que o Exercito (abrangendo n'esta expressão toda a classe de força armada) deve ser o mais suggestivo cathedratico, visto que mal preparado se encontraria elle para afrontar physicamente os embates destruidores da guerra, se não começasse por construir espiritualmente, e instituir dentro de si proprio, o altar e o culto da Patria. Isto é, se, a si mesmo se não considerasse, antes de tudo, uma escola practica d'energias e devoções patrioticas.

Escola, que sem duvida presupõe um corpo docente, a quem, por funcções d'oficio, caiba em permanencia a missão de guardar intactos, e d'imprimir nas gerações successivas que lhe passam pelas mãos, o espirito, as virtudes, as tradições e a disciplina, que, — sendo a alma da Instituição militar, — são, ao mesmo tempo, o factor moral com que as Patrias se consolidam, cimentam e fortalecem.

(Continúa)



# Acção Realista Portuguesa

## «A REALEZA»

A *Realeza*, órgão da Acção Realista em Traz-os-Montes, comemorou no dia 19 de fevereiro o seu terceiro aniversario. Na redacção desse brilhante jornal contamos inteligentes e entusiasticos camaradas da nossa campanha nacionalista. A *Acção Realista* apresenta ao brilhante defensor da ideia portuguesa os seus melhores cumprimentos de camaradagem, associando-se á alegria do seu aniversario. Transcrevemos a seguir o magnifico artigo do Commandante Paiva Couceiro, que contem afirmações politicas e doutrinarias d'um excepcional valor:

«3 annos de bom combate ao serviço da Causa Nacional, commemora hoje *A Realeza*.

Cumpr-me, pois,—e com prazer o faço,—trazer-lhe as minhas saudações.

Podem bem quantos no jornal trabalham olhar para traz, nesta data festiva, e rever-se, com justificado orgulho, e esperança confiante, no balanço da obra de propaganda e defeza dos principios salvadores, a que veem dedicando a luz da sua intelligencia e as energias da sua alma patriótica, com tanta tenacidade inquebrantavel, como desassombrada galhardia. A todos as minhas homenagens.

*Órgão da Acção Realista Portuguesa em Traz-os-Montes* é o sub-titulo que *A Realeza* acaba de adoptar, manifestando assim, perante o p'ublico, que, dentro da Causa Monarchica, sustenta o Credo Nacionalista. E isto significa muito. Não é simples questão de palavras.

Ainda ha poucos dias recebeu em Lisboa consagração solemne o nosso Passado, de magestades e grandezas.

E, ao assistirem, ou ao tomarem conhecimento d'esse tributo, de numerosas Nações estrangeiras, á fama da sua Historia antiga, quantos Portuguezes,— quantos e quantos! —sentiram dentro do peito o pungir d'amarga pena, pelo confronto entre esse *outr'ora*, cuja irradiação de prestígios ainda hoje,—a 4 seculos de distancia,—tem força para nos cobrir,—e este *presente* de descreditos e decadencias, cujo valor sinistro, como um dobre de finados, parece levar-nos, nos braços ferreos da fatalidade predestinada, para os epilogos proximos d'um vergonhoso *finis Patriæ*.

E, acompanhando o raciocinio d'esses Portugue-

zes conscientes, nós perguntaremos aqui, como elles o fizeram no seu intimo:

¿ Mas onde existem as causas d'esta calamidade?

¿ Estarão em nós,—nós, o Povo?

¿ Ou estarão n'elles,—elles, o Estado?

Porque é claro que no regimen vigente, como em qualquer regimen parlamentarista,— nós, o Povo,— e eles, o Estado,— somos duas entidades, não apenas diferentes, mas mesmo antagonicas e inimigas.

Pensando, no entretanto, sobre o Povo Portuguez, começam a acudir-nos á memoria Gago Coutinho, Sacadura Cabral, e cabo Pinto Correia,— a massa soberba das nossas gentes de mar,— e Brito Paes, Sarmento Beires e Manuel Gouveia,— o filão sem fundo dos nossos soldados incomparaveis,— e dizemos comnosco:

Não! Não é por aqui que o barco faz agua.

Mas,—se não somos nós os responsaveis,— nós, o Povo,—¿serão elles então,—elles, o Estado?

Sim. Não ha que duvidar. A materia prima é excellente, é mesmo magnifica. A obra sah: deploravel e revoltante. Logo, por consequencia, o mal está no obreiro, desastrado e desastroso. E esse obreiro é o Estado parlamentarista, identificado com os Partidos, e com a manifestação eleitoral, e, por isso mesmo, divorciado da Nação, e causador do seu quebrantamento.

Foi isto que *A Realeza* registou,—quer venha pelo conducto da Republica, quer pelo da Monarchia Constitucional.

E voltou-se para o patriotismo, puro e simples, cuja expressão politica,—activa, combatente e voluntariosa,—é o Nacionalismo. Muito bem.

O qual Nacionalismo representa como doutrina,—para quem seja patriota sincero e não sectario,— a propria logica em pessoa, visto que resolve todas as questões em relação a um ponto de referencia unico, que é a Conveniencia Nacional, ou a mesma Patria, mãe commum de todos nós.

Para salvação d'esta, precisamos de concordancia e de cooperativismo em toda a linha, e, desde logo, entre o Estado e a Nação. Por consequencia as Instituições hão de regular-se francamente por esse intuito, e não por phraseologias da cathedra, ou de comicio, que todos sabemos que se declamam e se escrevem, mas que jamais se cumprem sériamente. Ninguém ignora, com efeito, que os liberalismos,

para luzir na rua, são uns, e os d'usar de facto por casa, são outros, não apenas diversos dos primeiros, mas mesmo de fazenda virada do avesso.

Apregoam os arautos liberdade, e paraizos terreas. E vem a sahir, no fim de contas, a prepotencia dos peiores, e um inferno d'anarchias e misérias.

A respeito da Republica, e da Monarquia Constitucional sua progenitôra, embora mãe e filha nada se pareçam em decôro e honestidade, — o nosso jnizo está esclarecido pela lição dos factos. «Non bis in idem».

Os erros do sistema são tão patentes, que não vê-los quasi só pode explicar-se por cegueira voluntaria; e não emenda-los representaria sem duvida crime de lesa-Patria.

Estado, e Nação devem formar um conjunto coherente, em que o estado coordena e dirige, e faz ouvir a sua voz por intermedio duma Representação sahida directamente da Organização Nacional, e, portanto, alheia a fraudes e favores. Fortes ambos. O Estado com as suas attribuições de comando superior, que garante ordem, unidade e segurança, e promove os fins nacionais e o interesse geral. A Nação, nos seus Estados Municipaes e Professionaes, com a auctoridade e os foros correspondentes. Unidos ambos, Estado e Nação, debaixo da soberania, unica e imperativa, do bem Publico, a quem tudo, e todos obedecem, desde o Rei, até ás ultimas filhas da Comunidade Lusitana.

\*

E o Povo Transmontano, alma de tempera rija como os granitos das suas serranias — juizo claro como a neve que as corôa, — coração ardente como o fogo das suas lareiras, onde já recebi hospitalidades e affectos que jamais esquecerei, — o Povo Transmontano perceberá e sentirá tudo isto, porque é a linguagem, e são as ideias do patriotismo sem mistra, que vão ao encontro das suas proprias aspirações e atavismos historicos, quando pretendem, e teem vista, reimplatarem instituições tradicionais, e reacender ao abrigo d'ellas, as mesmas virtudes antigas que deram á Patria, em tempos que foram, alto e subido nome.

Refazer novamente essa Patria grande, na propria hora em que Ella se desfaz, — levantar os animos com o estímulo da boa doutrina, e organisal-os para o esforço redemptor, na propria hora em que Ella se desfaz, — levantar os animos com o

estímulo da boa doutrina, e organisal os para o esforço redemptor, na propria hora em que a acção dissolvente e desmoralisadora da Republica mergulhou, em apagada e vil tristeza, esse Povo de quem tantos feitos illustres se souberam, conforme conta o Poeta, — taes são os ideaes do Nacionalismo que a «Realeza», numa justa comprehensão do momento politico, acaba d'inscrever na sua bandeira. Por esse gesto me congratulo, julgando-o da maxima oportunidade. E fazendo votos, e guardando a esperanza. de que saberá responder-lhes, com ecos d'adhesão e sympathia, essa Provincia de peito firme, tão legitima representante do velho sangue Portuguez.

Congratulação e votos, com os quaes, na qualidade de soldado e companheiro da mesma lucta pelo Bem Nacional, venho tomar parte celebração aniversaria que hoje ahí os reúne.»

### CONDE DE CALHARIZ

Veio inscrever-se na Acção Realista Portuguesa o nosso prezado e illustre amigo sr. Conde de Calhariz. D. Antonio de Souza Holstein Beck, filho primogénito dos srs. Duques de Palmela, é o representante dum nome insigne e duma das mais illustres familias portuguezas pelo sangue, pela intelligência e pela virtude. Sportman distinto, fidalgo na larga acepção do termo, militava no Integralismo Lusitano, servindo assim os bons principios nacionalistas e tradicionalistas que os nobres devem ser os primeiros a defender. A sua inscrição na Acção Realista — que com tanto prazer registamos — mostra o desejo de continuar a servir os mesmos principios integralistas e a servir o seu Rei.

Abraçamos o sr. Conde de Calhariz, valoroso combatente de Monsanto, e significamo-lhes quanto a Acção Realista Portuguesa se desvanece com a sua colaboração.

### DR. ROLÃO PRETO

Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar neste número a reseña da magnifica conferencia «A Politica Social da Monarquia Orgânica» que o sr. dr. Rolão Preto, vogal da Junta Central do Integralismo Lusitano, realizou no Palacio Murça, no dia 5 deste mez.

# BOLSA DE PROPAGANDA

DA

## Acção Realista Portuguesa

---

Para a publicação de impressos de propaganda monarchica (folhetos, manifestos, cartazes, postaes, programas, etc.) editou a Acção Realista umas pequenas cadernetas, contendo senhas de 500 reis e mil reis, para serem passadas a troco destas importancias.

Os nossos correligionarios, que queiram d'esta maneira facil auxiliar a tão necessaria propaganda monarchica, podem dirigir os seus pedidos de cadernetas ao Secretario Geral da Acção Realista — Rua da Barroca 59 sobre-loja.

Ha caderneta para os seguintes totaes: 30\$00, 50\$000 e 100\$00 reis.

Abaixo damos nota das importancias já passadas por alguns dos nossos camaradas:

D. Caetano da Camara.....	30\$000
Ruy Tojeiro.....	24\$500
D. José d'Avilez.....	22\$000
Mademoiselle M.....	21\$000
»    H. C.....	12\$000
Augusto Gama Reis.....	16\$000
Jaime Ferreira.....	14\$000
B. F.....	10\$000
Luís Coelho.....	9\$000
	<hr/>
	158\$500

BOLSA DE PROPAGANDA

ACORDO REALISTA PORTUGUESA

